

A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro

RESUMO

Esta pesquisa exploratória tem o intuito abordar a questão da participação das mulheres nas atividades de produção e reprodução social associadas à pesca artesanal realizada na comunidade do Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. A pesquisa foi realizada com base em levantamento bibliográfico, observações de campo e em entrevistas semiestruturadas. Nosso objetivo central consistiu na busca por referências que pudessem nortear a construção de uma linha de pesquisa e de extensão sobre gênero nos trabalhos desenvolvidos pelo Programa de Pesquisa-Ação na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal (PAPESCA) no Canto de Itaipu. Notamos que apesar de terem crescido as pesquisas sobre gênero na pesca artesanal na última década, o mesmo não pode ser constatado para o caso do Canto de Itaipu. Com base nos resultados é possível estabelecer direções para a realização de uma pesquisa-ação que busque ampliar o conhecimento e fortalecer a participação das mulheres na organização social do Canto de Itaipu.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Trabalho. Pesca Artesanal. Canto de Itaipu. Pesquisa-ação.

Davi Henrique Xavier Branco Carioni Rodrigues

davi.carioni@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil.

Clara de Lima Patrizi Jorge

clara.lpjorge@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil.

Marina Puertas Freire

marinapuertasf@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Macaé, Rio de Janeiro, Brasil.

Sidney Lianza

csidneylianza@gmail.com

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil.

INTRODUÇÃO

O Programa Pesquisa-Ação da Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal no Litoral Fluminense (PAPESCA) é um programa de extensão do Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NIDES/UFRJ). Este programa surgiu como projeto em 2004 através de uma parceria entre o Núcleo de Solidariedade Técnica (SOLTEC), o Polo Náutico da UFRJ e o Núcleo de Pesquisa Ecológica de Macaé (NUPEM) (LIANZA *et al.* 2015a).

Destaca-se aqui que o PAPESCA historicamente pauta seu referencial metodológico nos princípios da pesquisa-ação, seguindo as orientações teóricas de Michel Thiollent (LIANZA *et al.* 2015a). Neste referencial metodológico o diálogo é elemento central na produção do conhecimento subjacente à ação pretendida para resolver um problema concreto. Ao mesmo tempo, busca-se estabelecer uma estrutura coletiva, participativa e ativa para a captação da informação e realização da ação. Na pesquisa-ação é recomendável que não haja separação entre pesquisador e pesquisado, sendo esta divisão superada através da dialogicidade (THIOLLENT, 1986). Esta premissa metodológica é importante para entender a práxis do PAPESCA e sua relação com as questões de gênero.

Em seus primeiros anos, o PAPESCA tinha como objetivo promover o desenvolvimento local social e solidário dos pescadores artesanais do município de Macaé (SOUZA *et al.* 2015a; LIANZA *et al.* 2015a). As ações empreendidas em torno deste objetivo lograram ao PAPESCA reconhecimento nacional e internacional, sobretudo a partir da criação da Rede Solidária da Pesca (LIANZA *et al.* 2015b).

A questão de gênero emergiu no PAPESCA pela primeira vez no ano de 2006, resultando na incubação de uma cooperativa de beneficiamento de pescado organizada e gerida principalmente por mulheres. A cooperativa, que foi denominada BENESCA, funcionou entre os anos de 2006 e 2009 (ARAUJO, 2009; ADDOR *et al.* 2015).

A partir de 2010, o PAPESCA amplia seu escopo de atuação passando a incluir como um de seus objetivos centrais o fortalecimento de processos de gestão compartilhada dos recursos naturais. Deste modo, em 2012, após uma valiosa experiência junto aos pescadores e pescadoras da baía da Ilha Grande, o PAPESCA se aproxima da realidade vivida pelos pescadores e pescadoras do Canto de Itaipu. Nesta comunidade, se encontrava em andamento o processo de criação de uma Reserva Extrativista Marinha - RESEX Itaipu. Este fato levou o PAPESCA a priorizar seus esforços de pesquisa e extensão nesta comunidade (SOUZA *et al.* 2015a).

No Canto de Itaipu o PAPESCA realizou inúmeras atividades de formação, empoderamento e troca de saberes, com destaque para cursos, seminários, rodas de conversa e viagens de intercâmbio. Neste percurso, as questões de gênero não emergiram, nem como questão metodológica (problematizando os possíveis limites da pesquisa-ação para lidar com este tema), nem teórica. Não que o PAPESCA não tenha desenvolvido suas atividades junto às mulheres desta comunidade. Em muitas atividades, as mulheres estiveram presentes em maior número e em algumas foram protagonistas. Mas talvez tenha faltado sistematização e reflexão especificamente voltada para as questões de gênero.

No ano de 2015 um fato nos chamou muito a atenção: a tentativa de criação de uma associação de mulheres no Canto de Itaipu. Algumas reuniões foram

realizadas sem contar com a participação do PAPESCA, que naquela época tinha entre seus membros apenas uma estudante de graduação. A experiência não logrou êxito e nos chamou a atenção a incapacidade que tínhamos para compreender o fenômeno de gênero no Canto de Itaipu. Muitas hipóteses partiram de um olhar reducionista e machista no qual estava presente como principal causas de insucesso da empreitada a atuação perniciosa de lideranças masculinas. Não que este pudesse ser um fator, mas seguramente estava claro que nos faltava compreender a dinâmica e as articulações subjacentes e próprias às mulheres do Canto de Itaipu.

Neste sentido, em 2016, foi realizado este estudo exploratório buscando obter direções metodológicas e teóricas que pudessem embasar a criação de um projeto especificamente voltado para refletir as questões de gênero presentes no Canto de Itaipu. Foi fundamental para isto a entrada de mais uma aluna de graduação no PAPESCA, coautora deste artigo, e que abraçou a ideia. São os resultados desta pesquisa exploratória que apresentamos agora.

Destacamos ainda que, neste artigo, trazemos os resultados de uma entrevista realizada com a única mulher pescadora com quem o PAPESCA mantém contato no Canto de Itaipu. A descrição da rotina diária e da organização do trabalho desta pescadora visa responder uma lacuna apontada pela pesquisadora Rose Mary Gerber (2015) em relação às pesquisas realizadas sobre as mulheres em comunidades pesqueiras que:

não se detiveram em seus estudos sobre o espaço privilegiado das mulheres – não na condição de “mulheres das comunidades pesqueiras” ou “mulheres de pescadores”, mas efetivamente como pescadoras. (GERBER, 2015)

METODOLOGIA

Por ser de caráter exploratório, optamos por uma pesquisa qualitativa buscando manter o cuidado de não subordinar a compreensão da realidade à modelos teóricos pré-existentes. Buscamos uma aproximação inicial ao tema evitando restringir o campo de observação da dinâmica social em busca de evidências que corroborem hipótese e teorias pré-estabelecidas (DEMO, 2013; FLICK, 2004).

Partimos de um extenso, porém não exaustivo, levantamento bibliográfico sobre o tema. Neste caso, adotamos duas escalas de análise: a nacional, com estudos obtidos para diversas regiões do Brasil e cujo objetivo consiste em situar o lugar da pesquisa sobre a inserção da mulher nas atividades de produção e reprodução da pesca artesanal e local, com estudos produzidos sobre a comunidade de pescadores artesanais do Canto de Itaipu, cujo objetivo foi identificar o lugar ocupado pelas mulheres nas pesquisas já realizadas.

Em um segundo momento, buscamos analisar as atividades realizadas pelo PAPESCA, ao qual integramos, que contaram com a participação de mulheres do Canto de Itaipu.

Por fim, realizamos entrevistas com informantes-chave selecionados levando-se em consideração: o gênero e inserção na pesca, a vivência na comunidade ou a experiência adquirida a partir do convívio cotidiano. Os atores entrevistados

foram: uma mulher pescadora, uma mulher que faz parte de uma família tradicional de pescadores da comunidade, um pescador tradicional, com o qual buscou-se obter informações sobre o lugar histórico ocupado pelas mulheres na comunidade de pescadores artesanais e a gestora do Museu de Arqueologia de Itaipu, que além de estudar a realidade histórica e cotidiana de Itaipu também atua como liderança feminina nesta comunidade.

As entrevistas foram realizadas buscando reduzir a violência simbólica gerada através da relação social estabelecida entre pesquisador e pesquisado. Conforme assinala Bourdieu (2008) esta violência simbólica é instaurada pela dissimetria existente entre o capital cultural dos pesquisadores e dos pesquisados e a percepção, por parte dos pesquisados, dos pesquisadores como socialmente superiores.

Área de estudo

A comunidade Canto de Itaipu está situada no bairro de Itaipu, que integra a região oceânica de Niterói, estado do Rio de Janeiro. Os limites geográficos da comunidade são: a oeste pelo Morro das Andorinhas, ao sul pelo Oceano Atlântico e a oeste pelo Canal de Itaipu e ao norte pela lagoa de Itaipu (Figura 1).

Figura 1 – Mapa de situação do Canto de Itaipu.



Fonte: Elaborado pelos autores com base em imagens do Google Earth®.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A condição da mulher na pesca artesanal no Brasil

A pesca artesanal, como exemplificado por Silva e Leitão (2016), se caracteriza por ser uma atividade produtiva que se sustenta sobre o trabalho e economia familiares. É uma atividade que muitas vezes se reproduz através da construção e transmissão de saberes e vínculos através do cotidiano familiar e de relações transgeracionais. É uma atividade produtiva em que se pode encontrar forte

predomínio de instrumentos e apetrechos confeccionados manualmente. Outra característica marcante consiste na utilização de um vasto conhecimento empírico.

Adentrando mais no universo da pesca artesanal, consideramos imprescindível trazer para a discussão a reflexão do eixo que compõe a base material de todas as coisas constituintes desta atividade, o eixo terra-mar. Eixo este apontado por Alencar (1991), que não apenas indica uma composição de espacialidade, mas também de elaborações simbólicas presentes no universo da pesca. E nesta díade, é evidente que se localizam também as questões de gênero, objeto do presente trabalho, que fazem parte da composição complexa desse universo.

Em 2009, através da Lei Federal nº 11.959/2009, o termo “pescador artesanal profissional” passa a abranger dentro desta categoria todos aqueles que participam de quaisquer etapas da cadeia produtiva da pesca, desde a confecção dos materiais, aos diferentes tipos de captura e pesca, até ao beneficiamento do pescado.

Desta maneira, teoricamente, não somente as mulheres dedicadas a pesca em si são reconhecidas, mas todo o conjunto de mulheres que se dedicam a inúmeras atividades do setor produtivo artesanal passam a ser reconhecido: fazedoras de rede, fazedoras de cestos, beneficiadoras de pescado, entre outras.

Considerando a pesca em si, as mulheres estão mais comumente envolvidas em atividades que se realizam em águas rasas, abrigadas e em terra, focalizando diversas espécies animais e vegetais. Igualmente diversificada são as artes de pesca empregadas. A utilização de embarcação é eventual e em geral, não motorizada (BECK, 1991; DI CIOMMO, 2007). Não obstante, há mulheres que pescam em alto-mar em embarcações de médio e grande porte (GERBER, 2013).

No que tange as demais atividades desenvolvidas na cadeia produtiva destacam-se o despulpamento de caranguejo, siri e mexilhão, a salga do camarão, a filetagem e limpeza do pescado; a produção de artefatos como redes de pesca, cestos e esteiras; e na manutenção de espaços de venda do pescado (BECK, 1991; FASSARELA, 2008).

Para além da participação produtiva na pesca, essas mulheres também desempenham atividades consideradas reprodutivas. A ONU Mujeres (2016) ressalta que os trabalhos reprodutivos:

“contribuye al desarrollo económico y al bienestar humano, pues favorece el desarrollo de personas productivas y capaces de aprender y de desplegar su creatividad” (ONU Mujeres, 2016)

Para Corragio (2000) na economia popular a reprodução e a produção social da vida se confundem, articulando as trocas materiais e simbólicas. Para Covolan e Carvalho (2015) o tempo reprodutivo vem sendo tratado como um tempo de valor inferior, marcado por uma forte divisão social do trabalho na qual as atividades reprodutivas domésticas não são equitativamente distribuídas entre mulheres e homens.

Embora que com a Lei 11.959/2009 tenha-se aberto um espaço para a inserção oficial das mulheres da pesca artesanal e, conseqüentemente, seu reconhecimento enquanto profissionais, os efeitos destas medidas ainda são muito pouco observados na prática. A equiparação entre as atividades de pesca

embarcada e as outras etapas produtivas é uma consolidação apenas jurídica, como colocado pelas autoras (SILVA e LEITÃO, 2016), que apenas garante incentivo financeiro. Assim, essas determinações ainda não encontram suporte nos aspectos previdenciários e trabalhistas essenciais à manutenção e qualidade de vida das pescadoras.

Para além da comprovada invisibilidade estatal, ainda que tenham alguns direitos garantidos, essas mulheres ainda encontram dificuldades em acessá-los por muitos motivos. O não reconhecimento de si mesmas enquanto pescadoras e o mesmo não reconhecimento pelo Estado, coloca muitas mulheres sob um silenciamento de não clamar por esses direitos (MELO *et al.* 2009; FASSARELLA, 2008; SANTOS *et al.* 2013).

Esse afastamento da identidade pescadora traz complicações desde o momento de se registrar como pescadora profissional, até, conseqüentemente, os momentos de utilizar de benefícios como seguro desemprego, seguro defeso, auxílio-doença ou mesmo contagem de anos de aposentadoria, ou clamar por direitos já conquistados por mulheres em outras categorias laborais, como licença maternidade e creches (SILVA e LEITÃO, 2016).

Pode-se dizer que as dificuldades encontradas pelas mulheres pescadoras se estruturam principalmente no caráter “auxiliar”, “complementar”, menos importante, que se atribui aos trabalhos desenvolvidos por elas.

Por serem mulheres, pelo fato de suas tarefas serem realizadas em terra, no mesmo espaço em qual se encontra a Casa (com letra maiúscula, como referência não somente à casa material, mas também ao espaço domiciliar e familiar, imposto às mulheres), é que as atividades produtivas que realizam são consideradas “meras” extensões dos afazeres domésticos. São atividades que não se diferenciam, diante do olhar social, de outros afazeres domésticos privados, o que se configura como um grande equívoco já que, em casa ou nos galpões, são tarefas que demandam mão-de-obra, materiais e tempo (FASSARELLA, 2008).

Fonseca *et al.* (2016), também recapitulam os dados da realidade brasileira trazidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, de 2014, na qual foi possível observar que, da categoria de mulheres consideradas ocupadas (a partir de 16 anos de idade), 88% delas realizavam afazeres domésticos, contra apenas 46% dos homens.

Na mesma pesquisa, dizem ter sido possível corroborar os dados do IBGE, ao se depararem com o cotidiano das mulheres pescadoras de Rio das Ostras entrevistadas, que também conciliam diariamente todas as tarefas, domésticas e de pesca, até mesmo ultrapassando a média brasileira (FONSECA *et al.* 2016).

A cartilha sobre Gênero e Pesca Artesanal, elaborada por Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão, da UFRPE (LEITÃO, 2012), também traz informações a respeito das tarefas desenvolvidas pelas mulheres pescadoras, produtivas e reprodutivas, de modo bastante ilustrativo. Esta publicação documenta a exaustiva jornada de trabalho das mulheres pescadoras e o quase inexistente compartilhamento do trabalho doméstico com os companheiros.

Essa dupla jornada pode ser entendida como um dos fatores que também exclui as mulheres dos espaços deliberativos e de gestão das comunidades de pesca, como é o caso exemplificado da RESEX de Corumbau (DI CIOMMO, 2007), na qual as mulheres pescadoras não apenas não têm tempo hábil para conciliarem

tantas tarefas produtivas e reprodutivas com as idas a esses espaços, já que não podem deixar seus afazeres domésticos, seus filhos, e se locomoverem até os locais (geralmente mais distantes) de reunião, como também não identificam estes espaços como referentes a seus próprios interesses (o que também se relaciona com o já citado fator do próprio não reconhecimento enquanto pescadoras).

Para além disso tudo, as mudanças ecológicas, climáticas, a poluição e a especulação imobiliária, afetam muito mais as mulheres do que os homens pescadores, já que elas trabalham muito mais com recursos terrestres e de águas rasas, que são foco dessas questões, do que eles, que passam, por vezes, muito mais tempo no mar, pescando, do que na terra.

A poluição de mangues, estuários e ambientes de “águas de dentro” (rios, lagunas, etc.), acarreta também inúmeros problemas de saúde para essas mulheres, principalmente de pele e ginecológicos, pelo tempo que ficam imersas nas águas realizando as tarefas, fora os problemas ortopédicos, artrose, reumatismo e dores na coluna, devido à posição em que ficam durante longos períodos para a realização das suas atividades (WOORTMANN, 1992; LEITÃO, 2012).

É por consequência de todos esses fatores, também, que têm havido uma constante evasão das mulheres do campo da pesca para outras áreas de trabalhos, ainda que sejam trabalhos considerados “subempregos”, mal remunerados e ainda bastante precarizados, como diaristas, faxineiras, empregadas domésticas na casa de veranistas, ou trabalhando em pequenos comércios (CABRAL, *et al.* 2009; MELO *et al.* 2009; SILVA e LEITÃO, 2016; FONSECA *et al.* 2016). Desta maneira, não só é possível ter uma renda mais estável, como seus direitos trabalhistas e previdenciais são mais garantidos.

Entretanto, a intensificação da saída da mulher da pesca artesanal acarreta problemas cruciais na composição dessas comunidades, que vão muito além das consequências econômicas e financeiras destes grupos familiares.

Aqui se encaixa a reflexão também de Fonseca *et al.* (2016), de que, apesar de a participação das mulheres na pesca ser considerada “auxiliar”, assume-se que a responsabilidade pela realização destes afazeres cabe também a elas, sobretudo pela redução do esforço necessário aos pescadores para garantir a produção pesqueira.

Ademais, é preciso nunca perder de vista a dimensão não material que produz e é produzida nas comunidades tradicionais, e, neste caso, de pesca artesanal. A configuração destes territórios traz toda uma conjuntura de construções e produções de relações humanas e ambientais, de construção de identidades, subjetividades e vínculos com o trabalho, a família e o Estado (SILVA e LEITÃO, 2016). Todos estes aspectos são elaborados, majoritariamente, nos espaços de mais socialização das pessoas que compõem essas comunidades, espaços estes, no geral, terrestres, tecidos pelos grupos que os ocupam e nele passam a maior parte do tempo: as mulheres (ROSÁRIO, 2010).

Aqui pontuamos então o papel essencial e imprescindível da mulher na manutenção e continuidade da tradição, como colocado por Silva e Leitão (2016):

“O completo ‘esquecimento’ do trabalho feminino junto à pesca artesanal acarreta não apenas o prejuízo econômico dessas mulheres, mas também a desagregação dessa modalidade pesqueira. Ora, a

relação da mulher com o ambiente da pesca artesanal engloba o repasse dos conhecimentos tradicionais às novas gerações. Com o desaparecimento da figura das pescadoras, o que se perde é mais que força de trabalho: perde-se a identidade cultural das comunidades pesqueiras com a consequente dissolução das próprias comunidades.” (SILVA e LEITÃO, 2016)

Ainda segundo essas autoras, este é um dos principais motivos pelos quais as medidas creditícias estatais são apenas parcialmente efetivas, pois a manutenção dessas comunidades tradicionais depende ainda muito mais de políticas públicas de reconhecimento das atividades pesqueiras, e de possibilidade de reprodução social desses grupos, de modo que a importância da atenção à população de mulheres é inquestionável.

“O silêncio do poder público em relação ao direito das pescadoras é mais que uma injustiça. Determina a própria extinção de um modo de vida e de uma das atividades artesanais mais representativas em termos de produtividade no Brasil” (SILVA e LEITÃO, 2016)

As mulheres pescadoras do Canto de Itaipu

Refletir sobre a inserção da mulher nas atividades de produção e reprodução social na comunidade de pescadores artesanais do Canto de Itaipu com base apenas nas informações disponíveis na literatura acadêmica não foi uma tarefa trivial. Destacamos que o Canto de Itaipu tem sido foco de estudos desde meados da década de 1970 e ainda que a produção bibliográfica seja extensa a presença da mulher nas pesquisas apareceu mais frequentemente de forma periférica.

Uma das primeiras pesquisas realizadas em Itaipu foi conduzida pela pesquisadora Elina Pessanha na década de 1970 (PESSANHA, 2003). Nela nota-se a presença da mulher de forma limitada. A autora foca seu estudo nas atividades produtivas, dando pouca ênfase as questões reprodutivas da vida social. A primeira menção às mulheres é realizada na página 72 onde a autora assinala que são elas às responsáveis pela tecelagem das redes, uma atividade, que segundo a autora, encontrava-se já àquela época em vertiginoso declínio. Um pouco mais adiante no livro (pg. 82), a autora apresenta mais detalhes desta atividade desenvolvida pelas mulheres, destacando que também se tratava de um saber transmitido entre as gerações de mulheres do Canto de Itaipu. A autora destaca que havia em todas as casas do Canto de Itaipu pelo menos uma mulher que soubesse costurar as redes:

As mulheres e filhas dos pescadores haviam sido inteiramente responsáveis, num passado mais distante, pela confecção das redes utilizadas [...] que teciam com fio vegetal (gerba) de acordo com as especificações requeridas pelos diversos tipos de peixe e técnicas de captura (PESSANHA, 2003).

Outra pesquisa realizada na década de 1970 é de autoria do pesquisador Roberto Kant de Lima (LIMA e PEREIRA, 1997). Nesta obra, encontra-se um capítulo denominado “Os Homens”, e, mesmo mencionando vez ou outra a habilidade das mulheres em tecer redes, no capítulo em que descreve as canoas e redes, relata-se todo o processo material e imaterial transgeracional da confecção das canoas

pelos homens e nada se diz do processo de confecção das redes. Os autores trazem ainda quando da descrição da transmissão transgeracional de conhecimentos entre pescadores, homens e meninos, a justificativa de que:

“em relação às meninas, não coletei dados mais detalhados, o mesmo acontecendo às tarefas domésticas femininas, não porque não as considerasse importantes, mas por falta de oportunidade e tempo” (LIMA e PEREIRA, 1997).

Tudo isso poderia ser detalhe se não tivesse um peso político e social que recoloca a pesca sempre atrelada à identidade masculina, do mar excluindo a da terra, de modo que o discurso acadêmico, quando reproduz essa identificação, “relega ao silêncio o universo feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo” (WOORTMANN, 1992; VIEIRA *et al.* 2014).

O levantamento bibliográfico identificou 20 trabalhos publicados, entre monografias, dissertações, teses e artigos científicos, que buscaram retratar a comunidade de pescadores do Canto de Itaipu. O período das publicações cobre um intervalo compreendido entre os anos de 2004 e 2016. Em apenas um destes trabalhos foi dada ênfase às mulheres que vivem no Canto de Itaipu.

O trabalho realizado por Sônia Barbosa e Alpina Begossi (2004) teve como objetivo compreender o papel e a percepção das mulheres sobre a qualidade de vida na comunidade bem como identificar as estratégias adotadas pelas mulheres para superação dos problemas. As autoras mostram que as mulheres do Canto de Itaipu possuem uma percepção aguçada sobre inúmeras causas que impactam sua qualidade de vida. Em relação às estratégias de superação das adversidades, Barbosa e Begossi (2004) indicaram que entre as mulheres entrevistadas havia inclinação para a realização de ações coletivas em contraposição a ações individualizadas.

Barbosa e Begossi (2004) também introduzem um importante papel desempenhado por mulheres na comunidade, a de atravessadora de pescado. A presença de mulheres atuando na comercialização do pescado foi confirmado em pesquisa posterior (LATINE, 2006) e se mantém presente até o ano de 2018, conforme podemos observar em campo.

Também há mulheres atuando diretamente com a atividade produtiva da pesca, sendo que ao menos quatro foram identificadas nas publicações e demais materiais consultados (COSTA, 2011; OCCUPA, 2015).

Nas diversas pesquisas que abordaram o processo de criação da Reserva Extrativista Marinha de Itaipu (CARVALHIDO, 2012; MIBIELI, 2014; MENEZES, 2014; CACHE, 2016) ou as transformações na identidade dos pescadores (MIBIELI, 2004; LATINI, 2006; CARVALHIDO, 2012) pouco ou nenhum destaque é dado a participação das mulheres.

No blog OCCuPA Itaipu (www.occupa.uff.br), elaborado por alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), encontramos o texto “Alegrias e Desafios da Mulher Pescadora” (OCCUPA, 2015), bastante interessante, que menciona quatro mulheres pescadoras de Itaipu, e traz relatos de três delas acerca de suas vivências dentro dessas categorias. Em outro artigo publicado no mesmo blog “A dona do mexilhão” (OCCUPA, 2016), uma pescadora

de mexilhões é apresentada como a única mulher exercendo atividades pesqueiras em um “universo dominado por homens”. O artigo apresenta algumas informações sobre a rotina da pescadora, incluindo a luta por reconhecimento que a acompanha desde pequena. Interessante notar que o blog possui três indexadores: “o mar”, “a terra” e “o homem” e os artigos em questão se encontram indexados à seção “o Mar”. O que significa isto?

O olhar do PAPESCA sobre as relações de gênero no Canto de Itaipu

Ao longo do percurso do PAPESCA em Itaipu não estimulamos a formação de um grupo composto exclusivamente por mulheres. Tampouco adotamos quaisquer metodologias que buscassem capturar ou mitigar assimetrias de poder entre gêneros. A maioria dos eventos organizados por nós tinha grande participação de mulheres e, embora notássemos expressões machistas que interrompiam a fala das mulheres com expressões como “isto não é o problema principal” ou “escuta!” ou “deixa eu falar”, tentávamos garantir a fala das mulheres, denunciando o machismo presente nas interrupções feitas pelos homens.

Em 2015, desenvolvemos, em parceria com integrantes da comunidade, um curso de extensão denominado Gestão de Projetos Solidários (LIANZA e BRANCO, 2015). Denotamos que se formaram três grupos para elaboração de estudos de caso sobre a realidade local: um deles foi composto exclusivamente por mulheres e focalizou a cadeia produtiva da mariscagem, desenvolvida por uma mulher pescadora e que também era integrante do grupo. Um segundo focalizou as artes da pesca e foi composto por maioria absoluta de homens. E um terceiro desenvolvido por uma mulher sobre a relação dos pescadores locais como Museu de Arqueologia de Itaipu.

O estudo de caso (SOUZA *et al.* 2015b) descreveu os principais aspectos positivos e negativos da pesca de mexilhão. Os resultados foram diagramados em um painel e impresso em lona para se tornar disponível para o uso da pescadora em relação à divulgação de sua atividade (fato confirmado durante o evento Marejada Cultural realizada em Itaipu no ano de 2015, 2016 e 2017, em que a pescadora levou o painel para divulgar sua atividade).

A escolha do tema pelo grupo composto unicamente por mulheres foi um fenômeno marcante, mas que não aprofundamos na compreensão de suas causas e efeitos (LIANZA e BRANCO, 2015; SOUZA *et al.* 2015b). A Figura 2 apresenta fotos da atividade de pesquisa realizada pelo grupo de mulheres sobre a cadeia produtiva da pesca do mexilhão.

Figura 2 – Grupo de mulheres “A” acompanhando o trabalho da pescadora artesanal “B” para elaboração do estudo de caso no curso de GPS.



Fonte: Elaborado pelos autores com base nas fotos disponíveis no Acervo PAPESCA.

A única atividade realizada exclusivamente com mulher foi uma viagem de intercâmbio para o Piauí (Figura 3). A atividade foi uma novidade para ela, um lugar diferente de se colocar publicamente pela comunidade:

[...] caramba, tenho que apresentar esse trabalho junto com o Sidney? E foi legal. Todo mundo gostou do nosso trabalho. Dei até entrevista lá para eles. Mas estava legal. Quer dizer, foi uma coisa que eu fui me adaptando. E agora acabou tudo, porque eu não estou participando de mais nada. Mas eu consegui dar essa ênfase na fala? (Informante 1 – entrevista realizada em 17/10/2017).

Figura 3 – Uma voz feminina representando o Canto de Itaipu no Piauí.



Fonte: Foto do Acervo PAPESCA.

Em 2016, nós decidimos dedicar uma atenção específica à questão de gênero no Canto de Itaipu. Neste momento estávamos frustrados com uma tentativa de criação de uma associação de mulheres no Canto de Itaipu que não logrou êxito. Adicionalmente, a entrada de uma pesquisadora mulher, coautora deste artigo, no PAPESCA fortaleceu o interesse do programa em relação à compreensão do papel desempenhado pelas mulheres nesta comunidade.

A primeira incursão realizada no Canto de Itaipu com este objetivo específico contou com a colaboração de uma servidora pública que trabalha em Itaipu e que tem sido parceira do PAPESCA nos últimos anos. Já conhecíamos uma pescadora, mas estávamos buscando informações sobre a presença histórica e atual de outras mulheres que pudessem atuar na pesca em Itaipu. Por recomendação da servidora, decidimos procurar inicialmente o pescador mais antigo em atividade na praia. Ao ser questionado sobre a presença de mulheres na pesca, este pescador respondeu:

[...] não existem mulheres com quem a gente pudesse falar. Primeiro porque não existem homens. E segundo que hoje em dia a estrutura das famílias tá muito diferente, ninguém casa e constrói família mais, ninguém se interessa pela pesca, ninguém pesca de verdade (Informante 2 – entrevista realizada em 01/08/2016).

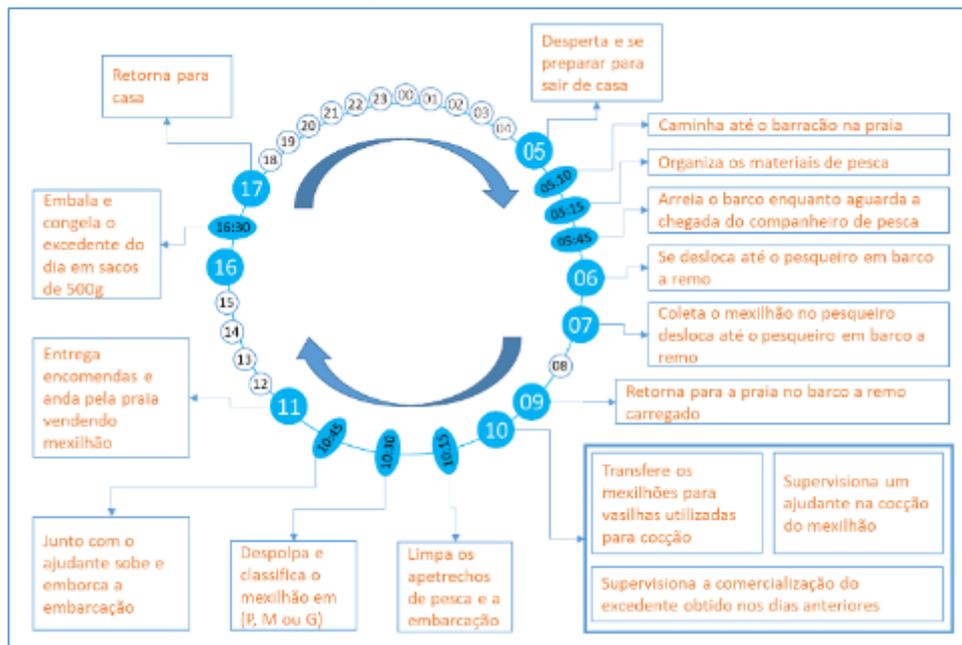
Nos sentindo frustrados e sensibilizados pela fala melancólica do pescador, nos deparamos, por acaso com outro servidor público que trabalha em Itaipu. Não se tratou exatamente de um informante, mas seu depoimento machista nos deixou ainda mais evidente que a busca pelas mulheres no Canto de Itaipu deveria, pelo menos inicialmente, se iniciar com a pescadora que já conhecíamos:

[...] os pescadores não têm mulher mesmo e quando têm, elas dão trabalho. Não tá fácil construir relacionamentos com mulheres. Já fui agredido por mulheres por ter aberto a porta do carro pra elas. (Informante 3 – entrevista realizada em 01/08/2016).

Voltados para a pescadora que já conhecíamos, aproveitamos um breve momento de descanso para indaga-la sobre sua atividade produtiva, considerando aspectos não contemplados pelo estudo de caso, relatado anteriormente. Junto com nossa interlocutora construímos sua rotina diária e compreendemos melhor como ela estrutura sua atividade produtiva.

Em relação a rotina diária da pescadora, podemos observar que ela tem uma jornada média de trabalho diário de aproximadamente 12 horas (Figura 4).

Figura 4 – Rotina diária da pescadora artesanal de mexilhão do Canto de Itaipu (números representam a hora do dia).



Fonte: Elaborado pelos autores.

A pescadora de mexilhão entrevistada trabalha entre segunda a sexta-feira, em média de 4 dias por semana. A temporada de pesca vai de janeiro a agosto, quando é interrompida em virtude do defeso do mexilhão, estabelecido por lei federal.

Junto com a pescadora trabalham outras 3 pessoas. Há um ajudante para a extração do mexilhão que reveza com ela as funções de remar e de coletar o mexilhão, assim como de descer e encalhar a embarcação na areia e limpar os equipamentos de pesca. Logo, trata-se de um pescador homem subordinado a uma mulher. Há uma mulher que a ajuda na cocção, sendo esta é uma atividade importante, pois tem implicações diretas na qualidade final do produto para venda. Cozinhar demais implica em um produto de pior qualidade e menor valor comercial. Além de cozinhar, esta trabalhadora contribui no despoltamento e no empacotamento do mexilhão. Finalmente, a terceira trabalhadora atua na comercialização do pescado. Enquanto a pescadora de mexilhão e seu ajudante estão coletando mariscos, ela inicia a venda do mexilhão congelado. Além de ser pescadora, a nossa entrevistada é a administradora de todo o negócio, supervisionando todas as atividades e sendo a principal responsável pela gestão financeira.

Durante os meses da temporada da pesca, que vai de janeiro a agosto, a pescadora entrevistada consegue obter uma renda que lhe garante uma boa qualidade de vida. Durante o período de entressafra (defeso do mexilhão), a pescadora vive com um salário mínimo concedido pelo governo, além de recursos acumulados ao longo da temporada de pesca. Logo, a pescadora de mexilhão consegue gerar uma poupança, que recentemente lhe garantiu a aquisição de um ponto comercial na beira da praia. Nele a pescadora mantém um restaurante no qual serve seu famoso pastel de mexilhão. Esta atividade agrega mais um elo na sua cadeia produtiva, se tornando uma verdadeira integração vertical artesanal na produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendendo, a partir do presente estudo, a importância da mulher na manutenção da tradição, na sustentação econômica da pesca artesanal, e entendendo-as como sujeitos que têm sido constantemente privadas de seus direitos, é um tanto quanto contraditório e sintomático que os trabalhos que se propõem a discutir povos tradicionais e, mais especificamente, as populações pesqueiras, não se esforcem para adentrar o campo da desigualdade de gênero e outros marcadores sociais, como raça e sexualidade, presentes nesses contextos. Mais que isso, é dever da academia não compactuar com a permanência da invisibilidade e silenciamento desses grupos.

Considerando que a PAPESCA consiste em uma Pesquisa-Ação na Cadeia Produtiva da Pesca Artesanal, pensamos ser essencial buscar meios para que a temática trazida neste trabalho possa ser fortalecida e continuada.

Discutimos constantemente a crise de identidade das comunidades pesqueiras, a negligência do Estado e das políticas públicas, buscamos pensar em alternativas para a subsistência e resistência das culturas tradicionais, mas tudo isso parece se enfraquecer se a discussão de gênero não se faz presente.

Relatos mais recentes obtidos em entrevistas realizadas por estudantes vinculados ao PAPESCA têm observado que o espaço ocupado pelas mulheres no Canto de Itaipu é muito mais profundo e rico, inclusive na construção de identidades coletivas, formação de lideranças, constituição de redes sociais. Um fato marcante recente consistiu na eleição de uma mulher como presidente da Colônia de Pescadores que representa os pescadores da comunidade.

No que tange a atuação do PAPESCA destacamos que as ações empreendidas em Itaipu buscaram promover o empoderamento comunitário para fortalecer a gestão participativa propiciadas pela criação da RESEX Itaipu. Neste percurso, muitas mulheres participaram das atividades propostas pelo PAPESCA, porém as desigualdades envolvendo as relações de gênero não foram consideradas metodologicamente, tal como recomenda Fortmann (1996). De acordo com a autora, em sua pesquisa, na presença de homens as mulheres deixavam de se colocar. A postura destas mulheres contrastava com de outras que participavam da mesma dinâmica, porém em um grupo formado apenas por mulheres.

Uma proposta de ação futura que deixamos consiste no mapeamento das mulheres envolvidas nas atividades de pesca em uma perspectiva histórica, levando-se em consideração uma análise ampliada do contexto de reprodução social da pesca artesanal. Entendemos que este mapeamento pode ser realizado com base na pesquisa-ação, metodologia que oferece condições para o empoderamento local.

Women participation in artisanal fishery: an exploratory research in the Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro

ABSTRACT

This exploratory research aims to address the issue of the insertion of women in the activities of social production and reproduction associated to artisanal fishing in the community of Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. The research was carried out based on a bibliographical survey, field observations and semi-structured interviews. Our main objective was to search for references that could guide the construction of a gender centred line of research and extension related which would be developed by the Program of Action-Research in the Productive Chain of Artisanal Fisheries (PAPESCA). We noted that although the growth of research on gender in artisanal fisheries has been noticed in the last decade, the same can not be verified for the case of the Canto de Itaipu. Based on the results, it is possible to establish the bases for an expanded research and extension work and to observe in greater depth the place occupied by women in the social organization of the Canto de Itaipu.

KEYWORDS: Gender. Work. Artisanal fishery. Canto de Itaipu. Action-research

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às pescadores e mulheres do Canto de Itaipu pela recepção e acolhimento ao PAPESCA desde 2012.

Agradecemos também a Pró-Reitoria de Extensão por contemplar o PAPESCA com a concessão de bolsas de extensão (Editais **PIBEX-UFRJ 2015**, **PIBEX-UFRJ 2016** e **PROFAEX Nº 128/2017**).

REFERÊNCIAS

ADDOR, F.; LOPES, V. de F. M.; ARAÚJO, F. dos S.; NEPOMUCENO, V. e LIANZA, S. A incubação de uma cooperativa de beneficiamento de pescado: o caso BENESCA. In: ADDOR, F. e LIANZA, S. (Orgs.). **Percursos na extensão universitária**. 1.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

ALENCAR, E. F. **Pescadeiras, companheiras e perigosas: a pesca feminina na Ilha dos Lençóis-MA**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia. Brasília: UNB, 1991. Disponível em: <https://www.academia.edu/15723177/Pescadeiras_companheiras_e_perigosas_a_pesca_feminina_na_Ilha_dos_Len%C3%A7%C3%B3is_MA>. Acesso em: 30/03/2018

ARAUJO, F. S. **Economia solidária e autonomia: uma análise das relações sociais de produção em dois empreendimentos econômicos solidários de beneficiamento de pescado**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE). Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

BARBOSA, S.; BEGOSSI, A. Fisheries, gender and local changes at Itaipu Beach, Rio de Janeiro, Brazil: an individual approach. **Multiciência**, 2, maio, 2004. Disponível em: <https://www.multiciencia.unicamp.br/artigos_02/rede_3.pdf>. Acesso em: 28/03/2018

BECK, A. Pertence à Mulher: Mulher e Trabalho em Comunidades Pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, v. 7, no. 10, p. 8-24, 1991. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/23752>>. Acesso em: 30/03/2018

BOURDIEU, P. Compreender. In: Pierre Bourdieu et al. (Coords.) **A miséria do mundo**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008

CABRAL, M. das M. C.; STADLER, H. e TAVARES, L. Mulheres pescadoras: gênero e identidade, saber e geração. In: II SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS

CULTURAIS. CULTURAS, LEITURAS E REPRESENTAÇÕES. **Anais...** Paraíba: UFPB, 2009. Disponível em: <<http://itaporanga.net/genero/gt5/7.pdf>>. Acesso em: 30/03/2018

CACHE, C. B. **E agora RESEX? Desafios jurídicos e empíricos em Itaipu, a primeira Reserva Extrativista Marinha e estadual no Rio de Janeiro**. Dissertação (Mestrado em sociologia e Direito) – Departamento de Sociologia e Direito, Niterói: UFF, 2016.

CARVALHIDO, V. V. R. **Do “direito à vez” à vez aos direitos: Conflitos e representações acerca do espaço e do trabalho no Canto de Itaipu**. Dissertação (Mestrado em sociologia e Direito) – Departamento de Sociologia e Direito, Niterói: UFF, 2012

CORAGGIO, J. L. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: KRAYCHETE, G.; LARA, F.; COSTA, B. (Orgs.) **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: CAPINA; Salvador: CESE: UCSAL, 2000.

COSTA, P. C. **Interações socioecológicas na pesca à luz da etnoecologia abrangente: a praia de Itaipu, Niterói/Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Ambiente e Sociedade) – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, Campinas: UNICAMP, 2011

COVOLAN, N. T. e CARVALHO, M. G. de. Tempo e tecnologia: o espaço doméstico sob a ótica das/os pesquisadoras/es de gênero. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 21, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=496650343004>>. Acesso em: 30/03/2018.

DEMO, P. Avaliação qualitativa: um ensaio introdutório. **Educação e Seleção**, n. 14, p.5-16, 2013. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/107.pdf>>. Acesso em: 30/03/2018.

DI CIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: a questão da equidade de gênero em uma reserva extrativista marinha. **Ambiente & Sociedade**, v. X, n. 1, jan.-jun. 2007. Disponível em: <http://ref.scielo.org/qd23xd>. Acesso: 30/03/2018.

FASSARELLA, S. S. **O trabalho feminino no contexto da pesca artesanal: percepções a partir do olhar feminino**. Brasília: SER social, v. 10, n. 23, jul/dez. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5894/rgci593>>. Acesso em: 30/03/2018.

FLICK, U. **Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ªed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, M.; ALVES, F.; MACEDO, M. C.; e AZEITEIRO, U. M. O Papel das Mulheres na Pesca Artesanal Marinha: Estudo de uma Comunidade Pesqueira no Município de Rio das Ostras, RJ, Brasil. **Revista de Gestão Costeira Integrada**, vol.16, no.2, Lisboa, jun. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5894/rgci593>. Acesso em: 30/03/2018

FORTMANN, L. Gendered knowledge: rights and space in two Zimbabwe villages. In: D. Rocheleu, B. Thomas-Slayter e E. Wangan (eds.), **Feminst Political Ecology** – London: Routledge, 1996.

GERBER, R. M. **Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil**. Tese (doutorado em antropologia social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis: UFSC, 2013.

_____. Nos passos de Gioconda Mussolini, a construção de uma etnografia sobre invisibilidades e mulheres pescadoras. **Revista De Antropologia**, v. 58, no: 2, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108514>. Acesso em: 30/03/2018.

LATINI, J. L. **Memória, Identidade Social e Conflito entre os Pescadores de Itaipu** – RJ. Monografia (bacharelado em ciências sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: UFF, 2006.

LEITÃO, M. do R. de F.A. **Gênero e pesca artesanal**. Recife: Liceu, 2012 Disponível em <<http://gpdeso.com/wp-content/uploads/arquivos/cartilha-genero-pesca-artesanal.pdf>>. Acesso em: 30/03/2018.

LIANZA, S. e BRANCO, V. Experiência piloto de formação em gestão de projetos solidários na vila de pescadores de Itaipu – Niterói-RJ. In: LIANZA, S. (org.), **PAPESCA em Ação II: “Eu apoio a pesca artesanal”**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

LIANZA, S.; ADDOR, F.; LOPES, V. de F. M.; CARVALHO, V. F. M. de; NEPOMUCENO, V. Saindo do casulo: a história da pesquisa-ação na cadeia produtiva da pesca (PAPESCA/UFRJ). In: ADDOR, F. e LIANZA, S. (orgs.). **Percursos na extensão universitária**. 1.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015a.

LIANZA, S.; ADDOR, F.; LOPES, V. de F. M.; MATOS, J. de A. M.; RASEIRA, M.; JOVENTINO, F. K. e NEPOMUCENO, V. Rede Solidária da Pesca na linha do tempo.

In: ADDOR, F. e LIANZA, S. (orgs.). **Percursos na extensão universitária**. 1.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015b

LIMA, R. K. de; PEREIRA, L. F. **Pescadores de Itaipu: meio ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1997

MELO, M. de F. M.; LIMA, D. E. S.; STADTLER, H. H. C. O trabalho das pescadoras artesanais: “coisa de mulher”. In: XX CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA. Fortaleza, **Anais...**, 2009. Disponível em www.xxcbd.ufc.br/arqs/gt1/gt1_36.pdf. Acesso em: 30/03/2018

MENEZES, A. S. H. de. **A Reserva Extrativista Marinha de Itaipu: A reificação de uma identidade ligada ao mar**. (Mestrado em sociologia e Direito) – Departamento de Sociologia e Direito, Niterói: UFF, 2014.

MIBIELLI, B. L. **Mestre Cambuci e o “Sumiço da Tainha”: Uma nova imagem da praia de Itaipu**. Monografia (bacharelado em ciências sociais) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Niterói: UFF, 2004.

_____. **Ser “Pescador Profissional Artesanal Tradicional de Itaipu”**. Dissertação (Mestrado em sociologia e Direito) – Departamento de Sociologia e Direito, Niterói: UFF, 2014.

OCCUPA. Alegrias e Desafios da Mulher Pescadora. **Blog Origem Caiçara, Cultura, Pesca Artesanal**. 24/12/2015. Disponível em: [<http://www.occupa.uff.br/a-dona-do-mexilhao/>](http://www.occupa.uff.br/a-dona-do-mexilhao/). Acesso em: 30/03/2018

OCCUPA. A dona do mexilhão. **Blog Origem Caiçara, Cultura, Pesca Artesanal**. 02/07/2016. Disponível em: [<http://www.occupa.uff.br/a-dona-do-mexilhao/>](http://www.occupa.uff.br/a-dona-do-mexilhao/). Acesso em: 30/03/2018

ONU Mujeres. El progreso de las mujeres en el mundo 2015-2016. Transformar las economías para realizar los derechos: Resumen. **Revista de Estudios Feministas**, Vol.4, no.2. Florianópolis, May/Aug. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n2p589>>. Acesso em: 30/03/2018

PESSANHA, E. G da F. **Os Companheiros: trabalho e sociabilidade na pesca de Itaipu**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2003

ROSÁRIO, J. J. do. Cultura educação e sustentabilidade: práticas de vida da mulher trabalhadora da maré. **Revista Espaço Livre**, v. 5 n. 10, jul/dez, 2010

Disponível em: <<http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/602>>.
Acesso em: 30/03/2018

SANTOS, E. A.; SOUZA, R. M. e SAMPAIO, R. M. de A. O mito do trabalho invisível e estratégias de sobrevivência das pescadoras em Nossa Senhora do Socorro, SE. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10, Florianópolis, **Anais...**, 2013. Disponível em:
<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381423587_ARQUIVO_ElineAlmeidaSantos.pdf>. Acesso em: 30/03/2018

SILVA, V. L.; LEITÃO, M. do R. de F. A. O processo de reconhecimento jurídico do trabalho das pescadoras artesanais catarinenses e a indefinição de direitos trabalhistas e previdenciários. **Periódico do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Gênero e Direito Centro de Ciências Jurídicas**, v. 5, no 01, Paraíba: UFPB, 2016
Disponível em: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.2179-7137.2016v5n1.28444>>.
Acesso em: 30/03/2018

SOUZA, C. de F.; LIMA, J. S.; LOPES, T.R.; SILVA, R.A. e RAIMUNDO, S. de J. A cadeia produtiva de mexilhão: o estudo de caso da catadora Diele. In: LIANZA, S. (Org.). **PAPESCA em Ação II: "Eu apoio a pesca artesanal"**, Rio de Janeiro: UFRJ, 2015b

SOUZA, D.; SANTOS, L. F.; LIANZA, S. PAPESCA/UFRJ: Aprendizados de uma década de dialogicidade entre universidade e comunidade. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 11, n. 22, 2015a. Disponível em:
<<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/3139>>. Acesso em: 30/03/2018

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 1ª Ed., São Paulo, 1986

VIEIRA, N.; SIQUEIRA, D.; DI PAOLO, D. O que é de mulher e o que é de homem: relações de gênero na pesca artesanal comunidade de Bonifácio, Amazônia Oriental, Brasil. **Revista Raízes**, v.34, n.1, jan-jun.2014 Disponível em:
<http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_326.pdf>. Acesso em:
30/03/2018

WOORTMANN, E. F. Da complementaridade à dependência: Espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 18, p. 41-61, 1992. Disponível em:
<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_18/rbcs18_04.htm>.
Acesso em: 30/03/2018

Recebido: 26 fev. 2018.

Aprovado: 05 mai. 2018.

DOI: 10.3895/rts.v14n32.7917

Como citar: RODRIGUES, D., H., X., B., C.; **et al.** A participação das mulheres na pesca artesanal: uma pesquisa exploratória no Canto de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro. **R. Technol. Soc.**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 173-193, Ed. Especial. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7917>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Davi Henrique Xavier Branco Carioni Rodrigues

Av. Athos da Silveira Ramos, 149, Sala ABC 112 (Ligação ABC, fundos do Bloco B), Centro de Tecnologia, Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21.941-909

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

